



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

POR CIDADES MAIS AFETIVAS E HUMANAS
FOR MORE AFFECTIVE AND HUMANE CITIES

Dr. Sydney Cincotto Junior

jrcincotto@hotmail.com

Unisuam / PUC-SP

Brasil

Dra. Vivian Aparecida Blaso Souza Soares Cesar

vivianblaso@uol.com.br

Mackenzie / PUC-SP

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

As cidades são sistemas abertos, organizações vivas que promovem dialogicamente trocas incessantes entre o meio interno-externo, entre seus habitantes e o espaço local/global. Essas interações metabólicas organizam, desorganizam e reorganizam de forma dinâmica e recursiva o espaço-ambiente concreto e virtual, real e imaginário das cidades, lócus da vida *activa* do homem que por meio do trabalho-obra-ação inventam, criam e recriam incessantemente formas e maneiras de viver e habitar o mundo.

Imersas em concreto, governadas pela racionalização do espaço, pela mercantilização das relações e pela privatização da vida, as cidades capitalistas são constituídas por espaços segregados, monofuncionais e homogêneos que inibem o exercício pleno da vida *activa* e da liberdade criadora do espírito; amplificam as tensões políticas, sociais, econômicas e ecológicas, produzindo grande instabilidade social, insatisfação emocional e degradação ambiental. Saturado pelo consumismo, excitado pelo hedonismo, adoecido pela racionalidade técnica, o homem contemporâneo necessita retomar o sentido da sua existência humana: o compartilhar e o conviver tecidos pelos laços afetivo-amorosos.

Por cidades mais afetivas e humanas investe na política do bem viver, na direção de uma vida mais democrática, pública, aberta e solidária, em sintonia com a realidade do mundo que não comporta mais as tormentas do crescimento e do lucro obtidos das relações entre capital e trabalho, e que tampouco suporta a ideologia do sujeito empreendedor de si – comandada por uma subjetividade neoliberal, que valoriza o individualismo, o consumismo, a meritocracia e a privatização da vida. Sem ignorar ou negar a realidade dos conflitos inerentes às relações e aos contextos sócio-político-econômicos nos quais estão inseridos, uma cidade afetiva aposta no resgate das relações comunitárias e na arte de viver juntos, que possibilitam aos humanos cuidar uns dos outros, do meio em que vivem, da natureza e, por extensão, de todo planeta.

Dessa existência viva, pulsante e turbilhonante das cidades emergem novas trocas e mestiçagens que modificam as paisagens, alteram as relações e promovem a construção-desconstrução-reconstrução das cidades que habitamos. As cidades afetivas implicam novas formas de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

convivialidade, como a *slow food*, os coletivos artístico-culturais, a economia solidário-colaborativa, os mandatos coletivos na política, tudo em sintonia com os novos ideários que reivindicam uma vida ecologizada para devolver à polis sua função política de ser um espaço coletivo para o bem viver. A convivialidade busca trilhar um novo caminho que promova a metamorfose do homem e da cidade, ao apontar uma alternativa serena entre crescimento e decrescimento econômico, para juntos construirmos uma cosmoecopolítica e uma antropolítica que nos religue aos outros, à sociedade, ao mundo e à natureza.

Palavras-chave: cidades afetivas, bem viver, convivialidade

ABSTRACT

Cities are open systems, living organizations that dialogically promote incessant exchanges between the internal-external environment, between its inhabitants and the local /global space. These metabolic interactions organize, disorganize and reorganize in a dynamic and recursive way the concrete and virtual, real and imaginary space-environment of the cities, the locus of the *activa* life of man, who through labor-work-action invents, creates and recreates incessantly ways of living and inhabiting the world.

Immersed in concrete, governed by the rationalization of space, by the commodification of relations and by the privatization of life, capitalist cities are constituted by segregated, monofunctional and homogeneous spaces that inhibit the full exercise of the *activa* life and the creative freedom of the spirit; amplify political, social, economic and ecological tensions, producing great social instability, emotional dissatisfaction and environmental degradation. Saturated by consumerism, aroused by hedonism, sickened by technical rationality, contemporary man needs to return to the meaning of his human existence: the sharing and living together of affective-loving bonds.

For more affective and humane cities invests in the politics of good living, towards a more democratic, public, open and solidary life, in tune with the reality of the world that no longer holds the storms of growth and profit obtained from relations between capital and labor, and which does



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

not support the ideology of the entrepreneurial subject of self - commanded by a neoliberal subjectivity, which values individualism, consumerism, meritocracy and the privatization of life. Without ignoring or denying the reality of the conflicts inherent in the relations and the socio-political-economic contexts in which they are inserted, an affective city bets on the rescue of community relations and the art of living together, that enable humans to care for one another, in which they live, of nature and, by extension, of the whole planet.

From this lively, pulsating and whirling existence of the cities, emerge new exchanges and miscegenation that modify the landscapes, alter the relations and promote the construction-deconstruction-reconstruction of the cities that we inhabit. The affective cities imply new forms of conviviality, such as slow food, artistic-cultural collectives, solidarity-collaborative economy, collective mandates in politics, all in tune with the new ideas that call for a greening of life to give the polis its function politics of being a collective space for the good living. The conviviality seeks to guide a new path that promotes the metamorphosis of man and the city, by pointing to a serene alternative between growth and economic decline, together we can build an cosmoecopolitics and an anthropoetics that will reconnect us to others, to society, to the world and to nature.

Keywords: affective cities, good living, conviviality



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Empenhada na uniformização das culturas, a modernidade líquida desses tempos globalizados não consegue apontar uma via comum para o futuro da humanidade. Atualmente, boa parte da população urbana da Terra vive atolada no caos das cidades, impactada 24 horas por dia pela hiperatividade. Excesso de automóveis, consumismo, falta de saneamento, poluição, violência, segregação econômica, indigência, miserabilidade, stress e distúrbios psíquicos contribuem para a degradação das relações socioafetivas. A convivialidade cedeu espaço ao medo, à incompreensão, à intolerância, à competição, ao individualismo e à privatização da vida.

Imersas no capitalismo neoliberal, as cidades no século XXI estão em crise. Na busca pela simples sobrevivência, seus moradores agonizam. Han (2015), em a *Sociedade do cansaço*, nos mostra que a estafa oriunda da sociedade do desempenho que acomete os indivíduos contemporâneos afasta o eu do outro, impedindo a convivialidade. Estes sujeitos do alto rendimento são frequentemente levados pela sociedade do desempenho à depressão e ao fracasso; afinal, a competitividade e a meritocracia não garantem que todos subam ao pódio.

Governadas pela lógica da globalização, da ocidentalização e do desenvolvimento, e impulsionadas pelo quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro¹, as cidades e seus habitantes necessitam de outras vias para escaparem do paradigma do crescimento acelerado e ilimitado para poderem lidar com as dores do presente. Conectados 24 horas por sete dias da semana, o *Homo urbanus* deixa escapar os sentidos da afetividade, da empatia, do altruísmo, da convivialidade, do bem viver. Nas cidades cada vez mais violentas e anônimas, o individualismo, a indiferença, a intolerância se propagam com uma velocidade sem precedentes e o sentido democrático do comum não consegue se afirmar.

Temos como exemplo a cidade de São Paulo, que se transformou em um arquipélago de enclaves modernizados – com suas torres corporativas, shopping centers e condomínios fechados –

¹ O termo “quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro” foi criado por Edgar Morin para referir-se às forças motoras da sociedade global contemporânea responsáveis pela degradação da biosfera e da sociosfera.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cercados por vastas áreas degradadas, edificações abandonadas, praças esquecidas, terrenos vagos, entrecortados por autopistas, viadutos, anéis-viários, túneis e marginais. Uma paisagem desalmada, mas que convive com dispositivos de sobrevivência guiados pelo princípio do comum – trata-se dos coletivos que atuam como máquinas de guerra deleuzianas e ocupam esses espaços urbanos para reivindicar o direito à cidade.

Interessados em refletir e pesquisar sobre esse momento hominescente de possível metamorfose do homem e de seu meio, mapeamos alguns coletivos que atuam na cidade de São Paulo e que se auto-organizam em torno do conviver, do compartilhar, do ocupar e retomar os espaços da cidade para os cidadãos. É uma ação de reencantamento da cidade, conectiva, movida contra as regulamentações estatais e a urbanização privatista-excludente. Os coletivos atuam em linhas de fuga frente ao agenciamento neoliberal, comungam dos ideários de uma vida em comum.

Por cidades mais afetivas e humanas é uma investigação em curso – no interior da pesquisa denominada *Cidades afetivas: uma via ecológica para o bem viver* –, que aposta na ação dos coletivos como dispositivos de regeneração das relações indivíduo-sociedade-espécie e de seu habitat em busca de uma outra sociedade possível.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceitual

Há muito as cidades se tornaram o centro das atenções, Le Goff (1998) nos diz que as cidades são o palco das trocas, lugar do encontro, dos eventos, dos câmbios. Como espaços de convivência as cidades devem existir para servirem ao bem viver, o que significa segundo Morin (2013) existirem para a “realização de um desenvolvimento pessoal dentro de um desenvolvimento coletivo, de uma comunidade fraternal” (p.100).

Imersas em concreto, as cidades formam espaços opressores ao nosso espírito e produzem grande instabilidade social e emocional. Com a privatização e o encarceramento da vida em espaços homogêneos e monofuncionais, nos distanciamos uns dos outros, invisibilizamos a diversidade e as singularidades. Precisamos reviver as praças, retomar o sentido da ágora, dar vez aos espaços multifuncionais, conforme colocado por Rogers (2014) em *Cidades para um pequeno planeta*. A praça lotada, a rua animada, o mercado, parques, bares, cafés representam espaços multifuncionais, onde estamos sempre dispostos ao encontrar e à participação.

Para Hillman (1993), a cidade requer lugares de encontro, nos quais a vida psicológica se exerce e, na medida do possível, se afasta das constrições de um cotidiano desprovido de afetividades. Urge resgatarmos as relações de vizinhança, promover o reencantamento das cidades como lugar para o exercício da plena cidadania. Caminhar pelos bairros, visitar monumentos históricos, participar de atividades culturais, manifestar-se politicamente nas ruas é importante para religar os corpos dos sujeitos ao corpo da cidade. Viver as cidades ativa a memória, os afetos, os desejos; aguça os sentidos, as sensações e os sentimentos. Passado, presente e futuro se misturam em um único acontecimento, o contemporâneo, e vão delineando cada vez mais os espaços afetivos.

Nas cidades do século XXI o desafio contemporâneo do *Homo urbanus* é encontrar outros caminhos para a convivência que sejam capazes de regenerar a vida que se encontra intoxicada-hiperacelerada-saturada-superexcitada pelo individualismo-productivismo-consumismo-informação. Estimular que floresçam os princípios do Manifesto Convivialista (2013): de comum humanidade para além das diferenças; de comum socialidade; de individuação, que permite a cada um afirmar



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sua singularidade sem prejuízo a dos outros; de oposição controlada, por não permitir que a singularidade individual de um seja impeditiva da expressão da singularidade do outro, marco do princípio comum de socialidade. Buscar as vias do decrescimento sereno, segundo Latouche (2009), implica reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar e reciclar. Promover o bem viver, que para Acosta (2016) deve ser entendido como uma oportunidade de construção coletiva da vida social em diálogo com a natureza.

É no contexto dessas cidades desalmadas que a convivialidade eclode nas ações dos coletivos com as ocupações dos espaços públicos e/ou privatizados em defesa da diversidade étnica, cultural, sexual, de gênero; de uma economia plural solidário-colaborativa; do direito à cidade; da democracia direta-participativa e dos direitos da natureza. São ações em sintonia com os novos ideários que reivindicam uma vida ecologizada para a reinvenção das cidades como territórios coletivos e comuns para o bem viver.

Ocupar, habitar e emaranhar-se às cidades de forma convivial para o bem viver exige de nós que despertemos o espírito da dádiva, adormecido e negligenciado. Para Mauss (2003), a vida social, na sua totalidade, erigiu-se das formas de solidariedade recíprocas, resultou das alianças entre os homens contra a violência total, dependia desses laços que constituíam a vida em comum. As regras fundadoras do social implicam convivialidade, interdependência, dádiva – dar/receber/retribuir.

Para tanto, apostamos na tomada de consciência da realidade antropológica complexa do *Homo urbanus*. Devemos nos assumir como *Homo complexus*, assim como o definiu Morin (2002), ao reconhecermos nosso duplo-enraizamento cósmico-biológico – somos filhos do Cosmos gerados por Gaia; ao aceitarmos nossa animalidade e nossa humanidade – existimos ao mesmo tempo como seres totalmente naturais e culturais; ao compreendermos a dialógica da unidade/diversidade biocultural do homem – somos ao mesmo tempo um ser individual egocêntrico, um ser social altruísta e uma espécie vivente implicada na vida e no universo.

O *Homo urbanus* é *complexus*, mas também é *æcologicus*. Em tempos de crise, a arborescência de uma outra sociedade não se fará sem o florescimento de uma cosmoecopolítica que compreenda na vida cívica do *Homo* a *Biogea* – o conjunto das espécies viventes e a natureza em si – como tem apontado Michel Serres (s.d.; 2009; 2013) em *O contrato natural, Temps des*



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

crises e Biogée. Formamos um só corpo uno-plural, é essa a nossa identidade singular↔universal: cósmica, biológica, psicoantropossocial.

Interessados em refletir e pesquisar sobre esse momento de uma possível metamorfose do homem e de seu meio, mapeamos alguns movimentos ativistas da cidade de São Paulo que se auto-organizam em torno do conviver, do compartilhar, do ocupar e retomar a cidade para os cidadãos. São ações de reencantamento da cidade contra as regulamentações estatais e a urbanização privatista-excludente. Os coletivos, enquanto movimentos ativistas, são linhas de fuga frente ao agenciamento neoliberal, operam de forma conectiva – em redes e tem como pano de fundo de suas ideias e ações o princípio político do comum. A tríade coletivo-conectivo-comum constitui-se nos operadores conceituais para o desenvolvimento dessa investigação:

COLETIVO: os coletivos são agrupamentos fluidos, fragmentados, horizontais que prezam pela autonomia em relação às instituições ou aos processos de institucionalização. Integram o que Gohn (2017) denominou novíssimos movimentos. Autodefinem-se ativistas, muitos se aproximam dos ideários anarquistas e libertários em suas formas de ação e organização. Buscam na prática da democracia direta novas formas de re-existir² nas cidades no século XXI.

CONECTIVO: as novas tecnologias alteraram nossos vínculos, as vizinhanças, o saber e os modos de acesso a ele. Segundo Serres (2009) o velho espaço euclidiano/cartesiano foi substituído pela conectividade das redes topológicas informacionais. Estamos todos interconectados – humanos, lugares, objetos, ecossistemas, a Terra e o Cosmos. O conectivo substituiu o fragmentário, religa o homem e natureza. Conexões múltiplas organizadas em redes híbridas tecem saberes e práticas que permitem experimentarmos novas formas de viver e habitar as cidades contemporâneas. O ambiente virtual é propício aos coletivos para dispararem suas ações reais e concretas.

COMUM: para Dardot e Laval (2017) o comum pode ser definido como um princípio de atividade política constituído pela ação específica da deliberação, do julgamento, da decisão e da aplicação de decisões. Tudo que é comum é um bem no sentido ético e político, mas não é uma

² Re-existir ou re-existência são expressões usadas por vários coletivos que podem significar ao mesmo tempo o direito a existir ou à existência; a reinvenção da forma de existir ou de existência; uma forma de resistir ou de resistência nas cidades capitalistas contemporâneas ao modelo hegemônico neoliberal, às formas de colonização cultural.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

aquisição, porque não pode ser apropriado. Escapa da lógica da propriedade privada ou estatal. Se opõe à racionalidade neoliberal, obedece à racionalidade política do comum – movimentos, lutas, ocupações, convivialidades, re-existências. Busca escapar dos agenciamentos e capturas do sistema governado pela lógica da ocidentalização-globalização-desenvolvimento. É uma demanda por autogestão, por democracia direta ou participativa, contra qualquer tecnocracia ou expertocracia – governo dos especialistas.

Essas novas formas de organização, os coletivos, produzem novas lutas, buscam outras vias para a sociedade, se organizam em direção ao princípio político do comum, fogem à racionalidade neoliberal.

Os combates pela democracia real, o movimento das praças, as novas primaveras dos povos, as lutas estudantis contra a universidade capitalista, as mobilizações a favor do controle popular da distribuição de água não são eventos caóticos e aleatórios, erupções acidentais e passageiras, insurreições dispersas e sem objetivo. Essas lutas políticas obedecem à racionalidade política do comum, são buscas coletivas de formas democráticas novas. (Laval, Dardot 2017, p.19)

Nesse contexto, ideias e ações caminham na direção da convivialidade, do bem viver e dos princípios democráticos do comum. Põem em suspensão os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS propostos pela Organização das Nações Unidas – ONU, pois esses não podem assegurar os Objetivos do Bem Viver – OBV³.

³ O projeto Objetivos do Bem Viver – OBV é uma proposta coletiva em elaboração e se apresenta como uma alternativa aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS. Após nossa participação no GT: *Trans-desarrollo: Buen Vivir + Decrecimiento*, durante o IV Congreso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales, realizado em julho de 2017 na Universidade de Salamanca, Espanha, passamos a colaborar com o projeto OBV, que está sob a coordenação da Universidade de Huelva – Espanha e da Universidade Central do Equador.

III. Metodologia

Com o objetivo de investigar a ação dos coletivos na cidade de São Paulo e suas atuações no espaço público como locus de produção e reivindicação de novas formas de re-existência no contexto urbano, fazemos uso da observação participante, das entrevistas não estruturadas, do acompanhamento das ações pelas redes virtuais e das análises dos discursos. Por meio deles buscamos compreender como as ideias e as ações dos coletivos tecem novas subjetividades, elaboram outras narrativas e produzem possíveis metamorfoses do homem e do espaço.

Selecionamos alguns coletivos entre os pesquisados para que pudéssemos abordar com mais detalhes o ativismo que promovem no contexto urbano. Daremos mais destaque aos coletivos com os quais realizamos entrevistas não estruturadas e/ou observação participante. As entrevistas garantem maior liberdade na exploração e produção de informações e a observação participante garante “o olhar de perto e de dentro”, ao qual Magnani (2002) se refere, permite captar sutilezas e distinções, bem como é capaz de revelar novos e outros sentidos até então desconhecidos. Porém, não deixaremos também de tratar daqueles coletivos que temos somente acompanhado suas ações pelas redes virtuais e nos eventos divulgados no Facebook.

Como se trata de uma investigação em curso, os resultados obtidos são parciais e não conclusivos. São dados, informações e conhecimentos que compõem uma obra em progresso, inacabada. Como lidamos com fenômenos no calor de seus acontecimentos, compreendemos que uma metodologia dada *a priori*, estruturada nos modelos clássicos e rígidos de investigação, seria incapaz de capturar os sentidos e a essência desses fenômenos tão fluidos que se apresentam sob a forma de coletivos.

Entendemos que o adequado é investir em uma estratégia de investigação. Almeida (2012) recomenda que a metodologia deve ser encarada como uma estratégia flexível e biodegradável, capaz de lidar com a ecologia das ideias/ações próprias à realidade que afetam o tema pesquisado. Que se tenha a consciência de que a pesquisa está em construção, sujeita a bifurcações.

IV. Análise e discussão de dados

Os coletivos que ocupam as ruas, praças e espaços públicos da cidade são exemplos dos acontecimentos revolucionantes nas relações dos homens consigo e com o mundo urbano que habitam. Revelam que o *Homo urbanus* é o protagonista das novas ações que podem modificar as cidades e a si mesmos. Vivenciamos com alguns coletivos em São Paulo essas ideias e ações que estão modificando as formas de interação e participação das pessoas. Esses encontros, ocupações, manifestações, ativismos, são convocadas nas redes sociais, muitas vezes em eventos organizados pelo Facebook.

O Arrua é um coletivo que busca um modelo mais democrático de cidade que atenda aos interesses da população que nela vivem. Autodefinem-se como um coletivo que debate o direito à cidade, que intervém nas cidades e nas redes, que é composto por pessoas com afinidades políticas e afetivas. Objetiva reinventar a cidade como espaço voltado ao convívio do diferente e promover uma cidadania crítica e ativa, bem como atuar nas redes de forma distribuída e colaborativa para construir uma plataforma que busque o bem comum. Radicaliza a experiência da democracia participativa e direta e atua em rede. Junta-se a outros coletivos para ocuparem praças e ruas da cidade a fim de resgatarem a dimensão pública dos espaços em oposição à privatização da vida.

Como exemplo dessas ocupações do espaço público temos o ciclo de intervenções chamado *Ocupa SP* promovido pelo Arrua em conjunto com o coletivo Br Cidades, com o Levante Popular da Juventude e com o Sindicato dos Arquitetos de SP. O primeiro desses ciclos interventivos ocorreu no dia 21 de outubro de 2017, na Praça Roosevelt, região central da cidade e local das ocupações ativistas, conforme observado nas figuras 1 e 2.

O propósito da intervenção *Ocupa SP* é manter ativa a cultura urbana de ocupações e usos dos espaços públicos como forma de enfrentamento da atual conjuntura política adversa e intensificar a luta contra as violências e os desmanches promovidos por uma gestão higienista, que nega o direito à cidade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Figura 1 – Ocupa SP – conversa com os coletivos



Figura 2 – Ocupa SP – roda de conversa

Uma das ações promovidas pelo coletivo Br Cidades na intervenção *Ocupa SP* foi a divulgação do projeto de micro democracia e micro dados vivos denominado *Escuta SP*⁴. O projeto consiste em ouvir os cidadãos sobre o que eles consideram significativo para ter uma vida melhor nas cidades. A pergunta padrão que todos devem responder é: "*Como sua vida pode ser melhor?*" Em levantamento realizado no dia da ocupação com os participante e transeuntes, visto na imagem 3, os temas mais votados e/ou sugeridos foram:

- “Minha vida na cidade melhoraria se fosse pensada em função das pessoas, de suas necessidades e desejos – não em função do mercado, ou de qualquer palpite do setor financeiro”.
- “Minha vida na cidade seria melhor se os rios fossem melhor aproveitados. Ao invés de esgoto a céu aberto, poderiam ser lugar de lazer e navegação, o que poderia ajudar na mobilidade urbana”.

Entre os temas mais abordados identificamos o desejo expresso do direito à cidade, a recusa de uma vida pautada pela privatização-mercantilização-individualismo e possivelmente receptiva ou atenta aos princípios do comum, da convivialidade e do bem-viver.

⁴ Participam do projeto os inscitos no curso Tecnologias de Escuta Social da Escola da Cidade, em parceria com o evento Br Cidades: Ocupa SP.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Figura 3 – Escuta SP – Como sua vida na cidade pode melhorar?

O coletivo Ocupe & Abrace se originou da vontade de revitalizar a Praça da Nascente, uma área verde do bairro da Pompéia em São Paulo que abriga várias nascentes do riacho Água Preta. O propósito é reconectar o homem com a natureza, reativar a vida comunitária, propiciar um ambiente interativo onde todos se apropriem do espaço e se sintam afetivamente conectados a ele. O coletivo estende suas ações para além dos perímetros da praça, aposta na ramificação de suas ideias e práticas para toda a cidade. Dão à nascente do riacho Água Preta a condição de sujeito de direitos, que deve ser preservado e integrado ao cenário urbano. Com isso, implodem a narrativa clássica e antropocêntrica dos direitos, como algo que está restrito aos seres humanos. Novas escritas da história da cidade irrompem, apostam nas premissas do comum e do bem viver.

As hortas comunitárias também ganham lugar em meio ao concreto e ao asfalto das cidades. Hortelões Urbanos é uma comunidade virtual de pessoas interessadas em horticultura, em produtos orgânicos, em hábitos saudáveis e veganos de alimentação, dão dicas de receitas e de cultivo e cuidado com hortas. Seus membros estão conectados pelo Facebook. Nos últimos anos as hortas comunitárias e públicas ganharam praças e terrenos na cidade de São Paulo, e entre os incentivadores e consultores das hortas que surgem a cada dia está a comunidade virtual dos Hortelões Urbanos. A atuação do coletivo incide na ocupação de praças públicas e terrenos baldios



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

transformando-os em hortas orgânicas comunitárias, contrariam a lógica da cidade do capital, da propriedade privada e da mercantilização da vida.

O Senta Aquí Conversa Comigo é um coletivo composto por terapeutas e psicólogos que investem no encontro de pessoas em espaços públicos com a intenção de promover a convivialidade. Segundo seus integrantes a cidade necessita de lugares de encontros. Olhar, conversar, escutar, trocar, compartilhar, estar juntos é o que lhes interessa. Apostam no conviver no espaço público como dispositivo de reinvenção das relações sociais. “Acreditamos que abrir espaço para a conversa, para a escuta é uma forma de validar o ser humano. Intervir na rua é criar uma imagem no espaço. Nosso interesse é criar rodas de conversas, promover encontros entre pessoas nas ruas de São Paulo.”⁵ (Figura 4).



Figura 4 – Senta Aquí Conversa Comigo

O convivialismo aposta na afetividade para o resgate das relações comunitárias, na importância do viver juntos como dispositivo que poderá nos levar à metamorfose: “*Uma arte de viver juntos (con-vivere) que habilita os humanos a cuidarem uns dos outros e da Natureza, sem negar a legitimidade do conflito, mas fazendo dele um fator de dinamismo e de criatividade. Um meio de evitar a violência e as pulsões de morte*”⁶.

⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/sentaaquiconversacomigo/about/?ref=page_internal. Acesso em 21/10/2017.

⁶ Disponível em: <http://www.lesconvivialistes.org/sintese-do-manifesto-convivialista>. Acesso em: 23/10/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

Vivenciamos nesse instante o calor da dissipação das estruturas de uma civilização em crise, temos diante de nós uma bifurcação, experimentamos aquilo que Serres (2003) tem chamado de hominescência: *fazer e, em se fazendo, fazer-se*; o que confere ao *Homo urbanus complexus æcologicus* a possibilidade de transformar o mundo e a si mesmo de forma jamais imaginada.

Estamos na antessala das rupturas com as formas tradicionais de gestão cotidiana da vida e isso nos permite pensar em novos modos de re-existir. Presenciamos a eclosão e a atuação de outros movimentos sociais, diferentes daqueles já conhecidos pela sociedade, que se autodenominam coletivos. Esses novíssimos movimentos que emergem no interior da sociedade do desempenho escapam dela para inventar, criar, religar; atuam como máquinas de guerra deleuzianas enfrentando as forças agenciadoras da lógica da globalização, da ocidentalização e do desenvolvimento – reivindicam outras formas de viver, pensar, agir e habitar as cidades.

Resistentes às capturas, suas ideias e ações promovem desterritorializações dos espaços agenciados pelo discurso privatista da vida. Distantes do poderio do agenciamento e da indexação ao modelo hegemônico, esses coletivos caminham por novas vias que podem nos levar ao bem viver, a reinventar os espaços urbanos para a convivialidade, a reescrever novas narrativas no entrelaçamento entre os sujeitos e o espaço que coabitam.

A partir das experiências e vivências com os coletivos que ocupam as ruas, praças e espaços públicos na cidade de São Paulo procuramos entender como a ação do *Homo urbanus* é capaz de produzir acontecimentos que poderão metamorfosear as cidades e a si mesmos.

Os coletivos aqui tratados estão alinhados, de formas e intensidades diferenciadas, às ideias do convivialismo, do bem viver e do princípio político do comum. Representam uma nova forma de organização da sociedade que reivindicam direitos, propõem novas formas de re-existência, intervém no espaço urbano e nas formas de sociabilidade, lutam em defesa do comum. O comum não é apenas um tema de oposição. Este novo sentido traz como princípio o autogoverno



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

democrático a partir de lutas ativistas com base na atuação desses novíssimos movimentos denominados coletivos.

Cidades mais afetivas e humanas é uma aposta nas vias regeneradoras dos processos colapsados entre o homem e a cidade. É um convite para o bem viver, para a tessitura de uma outra subjetividade que não aquela agenciada pelo excesso do fazer, do parecer ser e do ter. Essa tríade do desempenho, do cansaço e do excesso – *fazer, parecer ser, ter* – precisa abrir espaço para o conviver e o compartilhar – para uma vida política democrática comum.

VI. Bibliografia

- Acosta, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo, Brasil: Autonomia Literária, Elefante.
- Almeida, M. da C. de. (2009). Método complexo e desafios da pesquisa. En M da C. de Almeida (Ed.), *Cultura e Pensamento Complexo* (p. 97-112). Natal, Brasil: EDUFRN – Editora da UFRN.
- Dardot, P., y Larval, C. (2017). *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Gohn, M. da G. (2017). *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Han, B.-C. (2105). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Hillman, J. (1993). *Cidade & Alma*. São Paulo, Brasil: Studio Nobel, 1991.
- Latouche, S. (2009). *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo, Brasil: Editora WMF Martins Fontes.
- Le Goff, J. (1998). *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo, Brasil: Editora Unesp.
- Magnani, J. G. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29.
- Manifesto convivialista: declaração de interdependência – Edição brasileira comentada*. (2016). Vários autores. São Paulo, Brasil: Annablume.
- Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. En M. Mauss (Ed.), *Sociologia e antropologia* (pp. 183-314). São Paulo, Brasil: Cosac Naify.
- Morin, E. (2002). *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.
- _____. (2016). A ideia de metamorfose, entrevista com Edgar Morin. En *Manifesto convivialista: declaração de interdependência – Edição brasileira comentada* (pp. 99-105). Vários autores. São Paulo, Brasil: Annablume.
- Rogers, R (2014). *Cidades para um pequeno planeta*. São Paulo, Brasil: GG Brasil.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Serres, M. (s./d.) *O contrato natural*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.

_____. (2003). *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil.

_____. (2009). *Temps des crises*. Paris, França: Éditions le Pommier.

_____. (2013). *Biogée*. Paris, França: Éditions le Pommier. (Édition de poche).